

Papos Tais

4

Junto com o “QI” 183, eu lancei um encarte digital meio diferente. Um arquivo em PDF que, ao passar as páginas rapidamente, simulava uma animação. Foi o primeiro (e único até agora) número da série ‘2º&1/2’ estrelada pela personagem Monkinha, levemente inspirada na Mônica do Mauricio de Sousa, como foi explicado no referido “QI”. Agora Rod Tigre retomou o assunto com novas propostas para a personagem.

O fanzine **QI** é bimestral mas eu acho que vivo em câmera lenta, porque mesmo assim tá difícil responder em dia. Faz meses que quero falar da Monkinha. Achei ela muito simpática e acho que daria uma série de sucesso, inclusive ela me pareceu muito fisicamente com uma típica garotinha do Sul de Minas. O amigo sabe que eu sou frequentador assíduo da cidade de Itajubá, Pedralva e São Bento do Sapucaí, e sempre passo por Brazópolis, mas ainda não tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente porque todas as vezes que passei por aí você não estava.

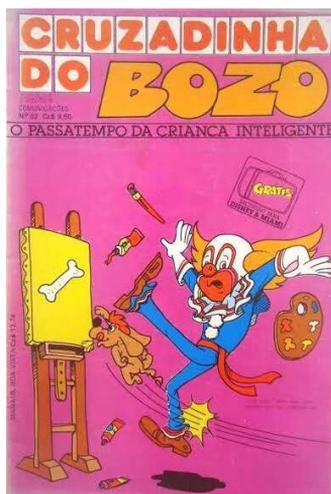
Voltando à Monkinha, que tal um gibi independente, desafiando os colaboradores quadrinhistas do **QI**, que em geral produzem HQs de super-heróis ou adultas, a contribuir para a criação da nova personagem infantil com HQs leves e inocentes? Nesses tempos de tanta controvérsia, o desafio para nós que somos do “underground” seria fazer HQs mais escapistas e menos contestadoras, que possam agradar também as crianças e que sejam atemporais, como os clássicos que sempre são lembrados pelos colaboradores do **QI**, muitos senhores de idade contemporâneos dos inesquecíveis clássicos. Quem sabe a Monkinha será a “nossa” Mônica, a “Mônica” dos autores independentes, que nos ajudaria a alcançar públicos maiores?



O Benjamin Peppe fez isso um tempo, abrindo para que novos autores fizessem suas versões, eu participei da edição 8 da editora Universo, e tinha até preparado mais alguns roteiros, que eu esqueci completamente e que estavam aos cuidados do artista Johnny Fonseca, infelizmente falecido.

Só deixo para discussão o nome dela, “Monkinha” parece também “macaquinha”, já que monkey é macaco em inglês, o que pode dar problema para os “politicamente corretos” de plantão. Pensei também no nome “Mocinha”, que também seria uma homenagem à forma que a Supergirl era conhecida no Brasil antigamente para os saudosos da Ebal, mas também poderia se dar esse nome para uma amiguinha loira da Monkinha. O Cláudio Seto criou, nos anos 1980, uma personagem infantil chamada Melissa, uma menina loira mas, pelo que eu saiba, só publicou “cruzadinhas” com ela, ainda que dizia que a Melissa era a Mônica dele. Foi o Seto que desenhou também a “cruzadinha” do Palhaço Bozo, gibi de passatempos lançado em 1987.

A Mellissa (com 2 Ls) apareceu na história do Super Pinóquio (Grafipar).



O tempo passa rápido mesmo. Obrigado pelos comentários e elogio à Monkinha. Como eu disse, foi uma brincadeira com a Mônica do Maurício. O nome vem de uma corruptela de diminutivo de Mônica, Moniquinha. Para não ficar muito igual, alterei para Monkinha. Se ficou parecido com monkey, paciência.

Minha intenção era fazer umas pequenas “animações” com a Monkinha, mas ainda não tive coragem de fazer a segunda. Ideia não falta, mas de novo o velho tempo.

Legal sua ideia de fazer quadrinhos inocentes com a personagem. Confesso que eu não tenho condição de começar um projeto desses. Mas quem sabe o tempo não possa dizer algo a respeito.

Ou eu mesmo possa fazer uma contraproposta. Em vez de convidar os artistas interessados a fazer HQs com a Monkinha, por que não convidá-los a fazerem “animações”. É preciso ter uma ideia que dure 1 segundo e meio. Isso corresponde a 18 quadros de animação. Desenhe os 18 quadros, escaneie e coloque cada um numa página de documento. Gere o PDF e temos o “desenho animado” com duração de 1 segundo e meio. É só me enviar o arquivo que eu distribuo como encarte virtual do “QI”.

Se quiserem fazer com outro personagem, também está valendo.

Está aberta a convocação para o Festival 2º&1/2.

Eu pensei bem e depois vi que o nome é até internacional. Não adianta ficar insistindo em super-heróis. O exemplo do nosso quadrinho de maior sucesso é o infantil, mas até hoje ninguém conseguiu se igualar à “mãe” da Monkinha, a Mônica. Eu lembrei agora da Patrícia do Ely Barbosa, com apenas 34 edições, e as 29 edições da Menina Maluquinha do Ziraldo, o mais próximo de outras meninas de “sucesso” dos quadrinhos nacionais, além das duas versões do gibi da boneca Emília, do Monteiro Lobato, também com poucas edições. A Narizinho, do Monteiro Lobato, também seria uma menina do Sul de Minas, ou pelo menos da região do Vale do Paraíba, como a Monkinha. Teve também Luana, uma menina negra que começou nos livros e teve 18 edições em quadrinhos por 3 editoras diferentes, e que antecipou a Milena, menina negra dos Estúdios Mauricio de Sousa.



Pensei em mais alguns personagens para a “turminha” da Monkinha. Além da Mocinha, que seria uma menina loira, teríamos ainda o Cafezinho, o amigo negro, o cão Bolinha e um gato chamado Gatinho!

Lembrei também da menininha Nhac, que era a mascote da Margarina Claybon, e teve um gibi nos anos 1980. Na adolescência, namorei com uma menina que, quando criança, fez a propaganda na TV, Fernanda. Depois procurei nas redes sociais, em perfis de amigos em comum, mas nunca a encontrei, ela já deve ter mais de 30 anos hoje em dia.



Acho que a parte da Monkinha cabe num encarte da série ‘Papos Tais’, até para incentivar a galera dos desenhistas que acompanham o **QI** a desenharem pin-ups da personagem. A Monkinha com seu cabelo curtinho a la “Joãozinho” me lembrou também a Elis Regina, daí eu pensei que ela poderia ficar estrábica quando ficasse nervosa e saia xingando palavrão, em homenagem à nossa “Pimentinha”.

E já que é um encarte de “prosear”, você se lembra de mais alguma garotinha protagonista de série da HQ nacional?



Se formos olhar as personagens meninas dos quadrinhos brasileiros, sem contar a época, o meio de publicação e o sucesso, há muitas. Há a Lamparina do J. Carlos, a Azeitona do Luiz Sá, entre os quadrinhos clássicos. Nas tiras, há a Nina do Mário Latino e Rosa Yokota, a Tati de Airon, e até duas personagens minhas, Ju e Clara. E há as meninas que participam de turmas de crianças, como a Turma do Lambe-Lambe de Daniel Azulay e a turma da Vaca Voadora. Se formos considerar apenas as meninas protagonistas de revistas de banca, lembro apenas da Aninha, baseada na Ana Maria Braga, que teve 24 números, e a Laurinha, com cerca de 20 números. Há também outras personagens que deram revistas com algum sucesso, como a Xuxa e a Angélica, ou mesmo a Livinha (saída dos Trapalhões), mas não são crianças, já são moças.



Voltando à Monkinha, suas ideias são muito interessantes, mas, como disse, eu não tenho condições de levar adiante um projeto de produção de revistas impressas com alguma tiragem significativa e distribuição mais ampla. Pelo contrário, em que pesem os aborrecimentos que computadores e internet trazem, estou cada vez menos propenso a aguentar os aborrecimentos de gráficas, impressoras e correio. Por isso a tendência é me dedicar cada vez mais às edições somente digitais, com distribuição gratuita aos interessados, como já faço com o “PSIU” e vários especiais que lancei nos últimos anos, todos disponíveis na Marca de Fantasia.

Se houver interessados em usar a personagem Monkinha em quadrinhos e publicações, da minha parte está liberada. Da parte do Maurício, eu não sei.

Eu falei do tal Festival 2º&1/2, não deixa de ser uma ideia a ser levada adiante por quem tiver interesse. Mas não é incompatível com a produção de revistas de quadrinhos da Monkinha. Se houver interesse e material suficiente, sempre se pode fazer uma edição digital para distribuição pela Marca de Fantasia.